

ISSN 2447-4177



ARQUIVO EM CARTAZ 2020
FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA DE ARQUIVO

Memórias do tempo presente

registros da pandemia



**Memórias do
tempo presente**
registros da pandemia

Copyright © 2020 Arquivo Nacional
Praça da República, 173
20211-350 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Telefones: (55 21) 2179-1253



Esta obra está licenciada sob uma Licença
Creative Commons – Atribuição CCBY 4.0,
sendo permitida a reprodução parcial ou total, desde que
mencionada a fonte.

Presidente da República
Jair Messias Bolsonaro

Ministro da Justiça e Segurança Pública
André Luiz de Almeida Mendonça
Diretora-geral do Arquivo Nacional
Neide Alves Dias De Sordi



Coordenadora-geral de Acesso e Difusão Documental
Luana Farias Sales Marques

Coordenador-geral de Administração
Leandro Esteves de Freitas

Coordenadora-geral de Gestão de Documentos
Mariana Barros Meirelles

Coordenadora-geral de Processamento e Preservação do Acervo
Aluf Alba Elias

Coordenadora-geral regional no Distrito Federal
Larissa Candida Costa

Coordenador de Documentos Audiovisuais e Cartográficos
Antonio Laurindo

Coordenadora de Pesquisa, Educação e Difusão do Acervo
Leticia dos Santos Grativol

Coordenador de Preservação do Acervo
Tiago César da Silva

Realização
Arquivo Nacional

GRUPO DE TRABALHO ARQUIVO EM CARTAZ

Coordenação-executiva
Antonio Laurindo
Sylvana Cotrim Lobo

Curadoria
Carlos Eduardo Marconi de Carvalho
Januária Teive de Oliveira

REVISTA ARQUIVO EM CARTAZ

Edição
Antonio Laurindo
Carlos Eduardo Marconi de Carvalho
Januária Teive de Oliveira

Preparação de originais e revisão
José Claudio Mattar
Mariana Simões

Pesquisa de imagens
Antonio Laurindo
Januária Teive de Oliveira

Projeto gráfico e diagramação
Alzira Reis

Arte da capa
Simone Kimura

Imagem da capa: BR_RJANRIO_PH_0_FOT_06158_026

novembro | 2020



ARQUIVO EM CARTAZ 2020

FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA DE ARQUIVO

Apresentação	5
Antonio Laurindo Cadu Marconi Januária Teive	
Breve relato de dias de pandemia	9
Marcus Vinicius Pereira Alves	
A experiência da escassez no audiovisual feito na e pela periferia	16
Wilq Vicente	
Do alto de uma janela um tecido preto se balança pelos ares: mulheres e Covid-19 no Brasil	29
Melissa de Oliveira Pereira	
Uma visão da (in)justiça: arquivos de Harvard produzem um fruto estranho	40
Jarret M. Drake	
A canção no tempo pandêmico	45
Rafael José Azevedo	
Museu de um mundo estilizado: cartografia de um tempo pandêmico	57
Monica Klemz	
Sobre a pesquisa de imagens em produções culturais: um breve relato	68
Priscila Serejo	
De relatos a coleção: testemunhos do isolamento	78
Beatriz Kushnir	
Acervo, pandemia e televisão: relato de experiência na TV Globo	88
Ester Eiko Duarte Kimura	

**FECHADO
POR FALTA DE
GARANTIAS.**



Apresentação

Antonio Laurindo
Cadu Marconi
Januária Teive
Editores

Em março deste ano, havia aqueles que iriam a um show na sexta com os amigos, mas a apresentação foi cancelada. Era aniversário de alguém no sábado, um churrasco. Adiado indefinidamente. Também foi assim com a ida ao estádio para ver o clássico regional. Aquele filme que estrearia nos cinemas – para o qual os amigos tinham combinado de ir – não estreou, pois sala de cinema lotada virou a definição do perigo distópico. E a palavra de ordem mais sensata, contramão das orientações de praxe dos movimentos sociais, era “fique em casa”.

Esse passou a ser nosso dia a dia, assolado por um vírus desconhecido, o Sars-CoV-2, que chegava não só ao Brasil, mas a todo o continente latino-americano, depois de ceifar vidas na Europa e na Ásia. Das nossas vivências cotidianas – o show, a boate, a festa com amigos, o cinema, o futebol – muitas se tornaram perigosas, pelo medo da contaminação. Se, pelo lado individual, o lado do espectador, do consumo, essas pequenas alegrias se tornaram inviáveis, há o lado de quem produz, toca, filma, joga, enfim, trabalha. Cadeias de produção no campo da cultura, da arte, da memória tiveram que se reinventar, ou mesmo paralisar suas atividades.

Quando se fala em trabalho, há quem não pôde ficar em casa. Profissionais da saúde, do essencial Sistema Único de Saúde, o SUS, entregadores, trabalhadores de farmácias e supermercados tiveram que se expor aos riscos em nome da vida coletiva. Com os transportes drasticamente reduzidos, houve dias em que as ruas da cidade, ou pelo menos aquelas do centro político e comercial, estavam desertas: silenciosas, vazias, cenário dos piores filmes de apocalipse zumbi. Com uma diferença: o filme acaba em aproximadamente duas horas. As consequências de uma pandemia, nos traumas e na economia, terão ainda bastante sobrevida.

Diante deste ano tão confuso, tentamos constantemente sistematizar o mundo em nossas cabeças e dar vazão à vontade de debater, de ver, de sentir. É nesse sentido que organizamos o Festival Arquivo em Cartaz, pela primeira vez em formato online, mas mantendo suas diversas iniciativas: Mostra Competitiva, Oficina Lanterna Mágica, Arquivo Faz Escola, Arquivos do Amanhã, oficinas técnicas, mesas de debates. Todas realizadas através das telas.



A revista Arquivo em Cartaz 2020 também volta seus esforços, em sua sexta edição, para entender o impacto da pandemia em nossos registros, produções, imagens e trabalho com arquivos. Pôr em ordem, tentar compreender, é tarefa coletiva de nossas instituições públicas e privadas ligadas à pesquisa e à memória. É, portanto, um funcionário do Arquivo Nacional que dá o pontapé inicial à nossa revista neste ano: Marcus Vinicius, servidor da equipe de Processamento Técnico de Documentos Audiovisuais, Sonoros e Musicais, escreve um relato pessoal e corajoso sobre a rotina do trabalho em casa, misturando labuta e afeto, dificuldades e resultados.

O artigo seguinte, de Wilq Vicente, faz um apanhado da produção audiovisual recente sobre o universo da periferia brasileira. Parte de uma arqueologia das abordagens negras e suburbanas para fazer um levantamento contemporâneo do que tem sido realizado na cinematografia brasileira, ainda que sem financiamento e inventando respostas para as necessidades mais básicas do financiamento de filmes. Traz em seu título “a experiência da escassez” como marca da produção na e para a periferia e, em seu texto, aponta caminhos para se produzir, mesmo no fio da navalha.

Logo em seguida, Melissa de Oliveira faz uma abordagem dos cruzamentos entre as desigualdades de gênero, classe e raça, através das cenas midiáticas do caso do menino Miguel, filho de uma empregada doméstica que trabalhava em um prédio de luxo no centro de Recife. O menino caiu do nono andar, enquanto estava sob os cuidados da patroa de sua mãe. Essa situação é ponto de partida para trazer dados e questionamentos sobre a condição da mulher brasileira durante a pandemia.

Buscamos também debater o racismo estrutural num artigo que dialoga com os movimentos Black Lives Matter, que eclodiram mundialmente durante a pandemia, inclusive no Brasil. Jarret Martin Drake é arquivista norte-americano e debate um caso paradigmático: uma pesquisadora negra tenta recuperar judicialmente daguerreótipos de seus ancestrais escravizados, Renty e Delia, que se encontram nos arquivos de Harvard. São imagens captadas por um supremacista branco no século XIX, ex-professor da mesma universidade.

Indo por outros caminhos, o artigo de Rafael José é mais leve: propõe repensar nossa relação com o som, encarar com ouvidos atentos as alterações na paisagem sonora que a pandemia traz, e perceber as memórias afetivas e possibilidades presentes do formato “canção”. Começa com um relato pessoal para sugerir ressignificações de canções antigas e entendimentos de canções do tempo presente.

Monica Klemz aponta para o futuro, para a realização de um “Museu de um tempo estilhado”, projeto imersivo em andamento, que pretende colocar lado a lado realidade virtual e os sons e imagens dos desmontes de favelas na cidade do Rio de Janeiro. O foco é a remoção da comunidade Vila Autódromo, em Jacarepaguá. O artigo relata as dificuldades presentes para o andamento, em meio à pandemia, de um projeto inovador como esse.

A abordagem da Priscila Serejo, sobre o cotidiano de pesquisadores do audiovisual, traz variados exemplos de eventos do próprio Arquivo Nacional que abordam a pesquisa imagética e os seus caminhos. Versa sobre as dificuldades atuais da pandemia, que distanciam o pesquisador de seu habitat, o arquivo, e sobre como driblar essas dificuldades.

Já os dois últimos artigos têm um caráter mais institucional: Beatriz Kushnir nos entrega um relato sobre o projeto “Testemunhos do isolamento”, instituído pelo Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (AGCRJ) a partir do dia 16 de março de 2020. Debate a formação dessa coleção de relatos sobre as vivências da pandemia. São relatos em texto, mas também em som, fotografias e vídeos, recolhidos do site da instituição.

Ester Eiko, em seu artigo, descreve como as imagens do acervo audiovisual da TV Globo chegam até nós: quais os caminhos da descrição, catalogação, preservação e acesso. Aborda, ainda, as mudanças no formato de jornalismo da TV Globo durante a crise sanitária: o aumento do tempo dos telejornais ao vivo, as reprises de material arquivístico, a inserção de imagens de acervo na programação e a implementação do *home office*. São questões que percebemos através das TVs e celulares, e recebem, nesse artigo, uma sistematização bem ampla e interessante.

O Arquivo em Cartaz – Festival Internacional de Cinema de Arquivo finca mais uma vez raízes sólidas entre os festivais de cinema brasileiros, destacando-se não apenas pela exibição de filmes com imagens de arquivo, mas também como espaço de formação, reflexão e difusão dos acervos audiovisuais e da memória do cinema nacional. Agora explora pela primeira vez, pela imposição da realidade, territórios virtuais. Que nossos esforços sirvam para a reflexão e para arquivos cada vez mais integrados com as demandas profundas de nossa sociedade. Boa leitura!



Acervo, pandemia e televisão: relato de experiência na TV Globo

Ester Eiko Duarte Kimura

Arquivista pela Universidade de Brasília. Especialista em Gestão de Documentos e Informações pela Unyleya. Pesquisadora da Rede Globo

18 de janeiro de 2020: Na China, um vírus misterioso surgiu na cidade de Wuhan. Números oficiais dizem que cinquenta pessoas foram diagnosticadas por causa de complicações respiratórias. (*Jornal Hoje*, 2020)

26 de fevereiro de 2020: O Ministério da Saúde confirmou, no fim da manhã, o primeiro caso no Brasil de uma pessoa infectada pelo novo coronavírus. O paciente é um brasileiro de 61 anos que voltou, na sexta-feira, de uma viagem de trabalho que ele fez para Itália. Foi diagnosticado primeiro em um hospital particular aqui em São Paulo. Aí foi pedido um exame de contraprova, e o resultado confirmou a suspeita. (*Jornal Hoje*, 2020)

11 de março de 2020: A Organização Mundial da Saúde classificou a disseminação da doença causada pelo novo coronavírus como uma pandemia. (*Jornal Nacional*, 2020)¹

O acervo e a TV Globo

O acervo da TV Globo é composto sumariamente por documentos audiovisuais entrelaçados a informações textuais utilizadas na elaboração do produto jornalístico, esportivo ou de entretenimento de forma a manter seu contexto e fim de produção.

A definição de documento audiovisual é de um “gênero documental integrado por documentos que contêm imagens, com finalidade de criar a impressão de movimento, associadas ou não a registros sonoros”.²

Os diversos suportes que carregam as informações de imagens em movimento contextualizadas com as narrações e sons ambientes variam de acordo com os avanços tecnológicos e as possibilidades de manuseio rápido e prático para os autores dos materiais em ambientes internos e externos à emissora; a qualidade da imagem e som captados; a facilidade de edição e outros requisitos que garantem a produção diária de conteúdo que nem sempre será arquivado.

1 Trechos retirados de jornais veiculados pela TV Globo que compõem o acervo da emissora.

2 CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS. Câmara Técnica de Documentos Audiovisuais, Iconográficos e Sonoros e Musicais. *Glossário*, versão 3, 2018, p. 13.

A forma como o conteúdo chega ao acervo para ser armazenado é múltipla e variada, de acordo com a captação e produção do material. Seu arquivamento pode ser em servidor, LTO, ODA, XDcam, Betacam, U-matic e película cinematográfica de 16mm, e suas cópias de segurança também podem variar.

A partir do momento em que o conteúdo é disponibilizado para o acervo, este passa a ter as funções principais de armazenar e tratar as informações; pesquisar e disponibilizar o material arquivado e preservar seu suporte e conteúdo para manter a integridade do documento.

Devido à forma e ao suporte utilizados na produção, e ao fluxo de informações e necessidades de consulta, os conteúdos arquivados do telejornalismo e do entretenimento possuem uma dinâmica para a aplicação da teoria das três idades documentais distinta daquela de documentos comumente produzidos, recebidos e acumulados a partir de ações administrativas, fiscais e legais.

O arquivo corrente, primeira idade documental, é definido com base “nas utilizações imediatas e administrativas que lhe deram os seus criadores, por outras palavras, nas razões para as quais o documento foi criado”.³

Pode-se atribuir o valor primário às imagens produzidas para elaboração de uma matéria jornalística da seguinte forma: o texto escopo para reportagem é produzido; o repórter cinematográfico sai para captar as imagens; o repórter grava a narração do *off* e a passagem com informações essenciais para a matéria. As imagens produzidas e o áudio chegam para o editor de imagens que monta de acordo com o *script* do editor de texto e repórter. Caso seja necessário, o acervo é acionado para que o conteúdo de arquivo seja reutilizado para compor a narrativa ou a ilustração de algo que tenha ocorrido. A matéria pronta fica em *stand by* para ir ao ar quando chamado pelo apresentador. Todo o material que tenha sido produzido como bruto para esse VT⁴ pode ser descartado, pois foi usado na matéria jornalística ou selecionado para arquivamento como material bruto não utilizado na matéria.

Caso a matéria não vá ao ar no mesmo dia em que foi finalizada, seja porque houve uma mudança inesperada no jornal ou porque realmente estava previsto para ir ao ar em outro momento, ela fica, nesse caso, disponível no servidor até que seja veiculada. As imagens produzidas pelos repórteres cinematográficos que não foram utilizadas nesse VT ficam disponíveis no servidor por um curto período de tempo e o acervo pode selecioná-las para compor o conjunto de documentos não editados.

Esses documentos disponíveis no sistema por tempo determinado, passíveis de serem descartados, caso não sejam feitos a avaliação e o recolhimento para compor

3 ROUSSEAU, J.; COUTURE, C. *Os fundamentos da disciplina arquivística*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1998, p. 117.

4 VT: “Também designa de forma genérica o conteúdo já editado de uma mídia, como uma reportagem, uma chamada ou uma matéria de jornal.” BRASIL. Senado Federal. *Manual de comunicação da Secom*. Brasília, 2020.



o arquivo definitivo, podem ser considerados de valor secundário. Segundo Jean-Yves Rousseau e Carol Couture, “o valor secundário define-se como sendo a qualidade do documento baseado nas utilizações [...] imediatas ou científicas”.⁵ Porém, nem todas as produções ficam por um período determinado no servidor aguardando avaliação. Via de regra, a matéria é produzida sob encomenda de determinado programa e logo vai ao ar. Em seguida, é arquivada da forma que foi veiculada. Isso porque não são as matérias separadamente que são analisadas como unidade básica documental, e sim o programa completo dentro do seu contexto.

Uma vez que os documentos são parte integrante do arquivo permanente da emissora, todos são tratados para que seja possível serem pesquisados e acessados em qualquer momento, seja a curto ou longo prazo. Esse tratamento se resume no registro das mídias em que o programa é gravado ou na atribuição de código dentro do sistema on-line; em notação de acordo com o grupo que compõe; catalogação – com número de registro, códigos de identificação, título atribuído, identificação de apresentador e repórter, *timecode*⁶ dentro do jornal, duração, data e local, descrição e, se necessário, transcrição de áudio; e indexação de acordo com um vocabulário controlado de tesouros e ontologias.

Todo o fluxo em que o documento está envolvido, desde a produção até o arquivamento permanente, é muito rápido, dinâmico e preciso, características principais do *hard news* no jornalismo.

A pandemia e a TV Globo

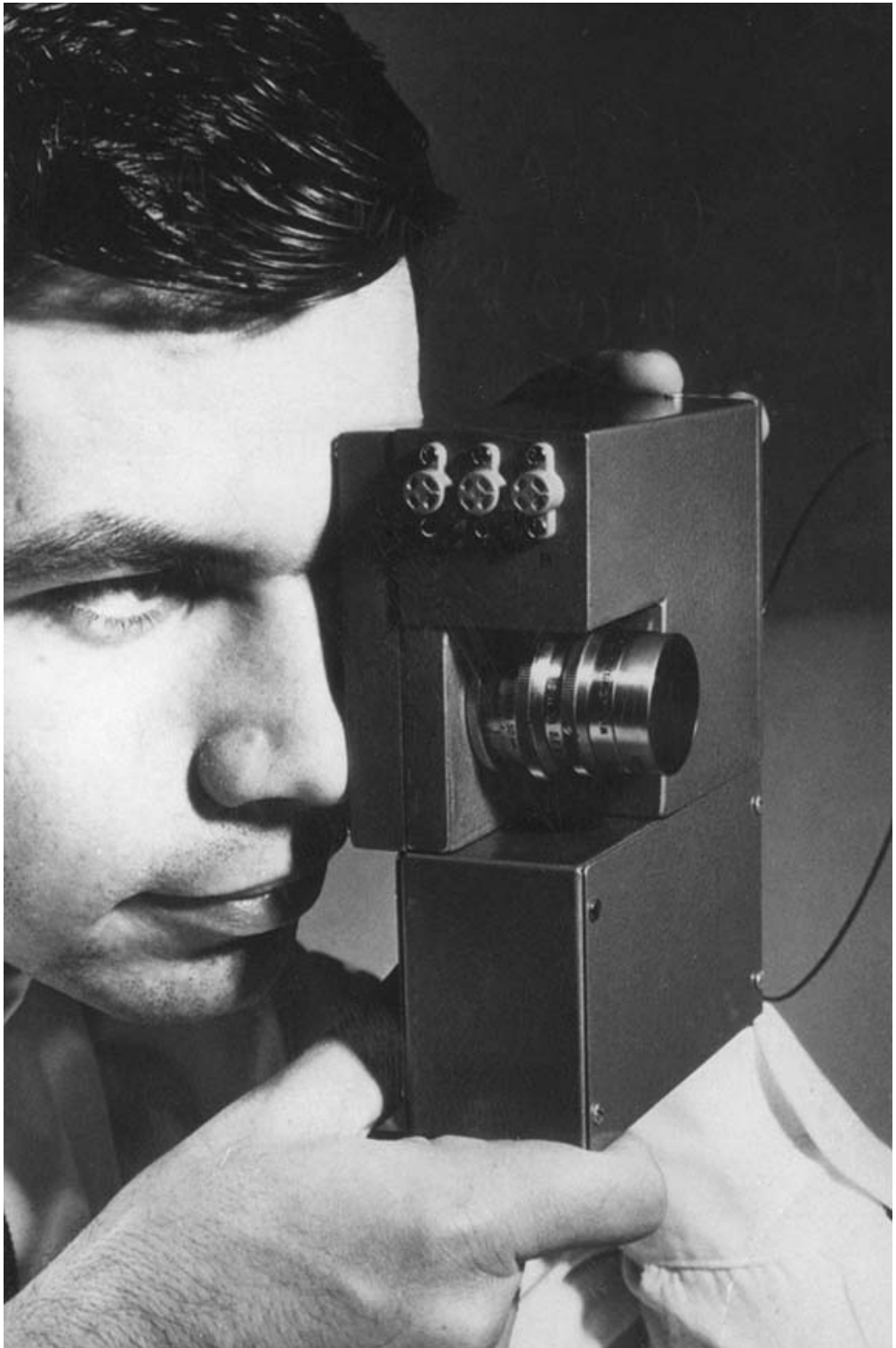
A tradução literal do termo *hard news* é “notícias pesadas”, ou seja, a informação que causa impacto. Normalmente, é algo factual – o que acabou de acontecer –, preciso e deve ser relatado da forma mais imparcial possível, apenas com fatos importantes que contextualizem e resumam o ocorrido.

Diante da realidade da pandemia do novo coronavírus, o jornalismo da TV Globo passou a ser composto basicamente por esse chamado *hard news*, com o intuito de atingir a maior quantidade possível de telespectadores para passar informações seguras sobre como prevenir a doença e promover a saúde.

Desse modo, a programação habitual da Globo foi alterada, aumentando-se o tempo de jornalismo ao vivo nos canais abertos e fechados para uma cobertura completa. Assim, os programas de entretenimento foram cedendo espaço aos telejornais habituais, com edições especiais mais longas, e para o programa *Combate ao coronavírus*, apresentado por Márcio Gomes.

5 ROUSSEAU, J.; COUTURE, C., op. cit., p. 117.

6 *Timecode*: marcação do tempo no vídeo, pode ser a hora real ou tempo atribuído. É uma coordenação temporal da imagem na gravação.



Esse aumento exponencial do telejornalismo na grade também se deu pelo fato de que os produtos de entretenimento deixaram de ser gravados como medida para evitar a proliferação da Covid-19 na emissora e com o intuito de permanecerem apenas os serviços considerados essenciais.

Após a confirmação do primeiro caso de Sars-Cov-2 no Brasil, o Grupo Globo criou um comitê para gerenciar dentro da empresa a crise sanitária que o país começou a viver. Dentro da série de protocolos adotados, uma medida imediata foi deixar os colaboradores que compõem o grupo de risco em casa e também todos aqueles que poderiam exercer suas funções em *home office*. O teletrabalho, até então pouco pensado dentro da emissora, precisou ser implementado em todas as esferas possíveis da forma mais rápida. Alguns desempenham suas funções a distância utilizando a infraestrutura de *desktop* virtual (VDI), a rede privada virtual (VPN) ou a própria nuvem.

Os esportes também pararam no mundo todo, a regra de praticamente todos os países era que as pessoas devessem evitar ao máximo sair de casa. Algumas nações e estados brasileiros tiveram a necessidade de decretar *lockdown* com o intuito de tentar diminuir a curva de contágio da doença.

A realidade passou a ser mais pessoas em casa, consumindo um volume de conteúdo informacional e de entretenimento muito maior. Os esportes, as novelas e os programas de auditório cessaram. A estratégia passou a ser reprisar e ressignificar um conteúdo de acervo já transmitido anteriormente.

O acervo com a pandemia na TV Globo

O universo de possibilidades de conteúdo digital ou digitalizado do acervo do Grupo Globo contabiliza cerca de duzentas e cinquenta mil horas, quase cem por cento de toda a produção dos canais por assinatura (informação verbal),⁷ além daqueles ainda em suporte magnético dos canais abertos.

Diante desse vasto cenário de aproximadamente vinte e sete *petabytes*, o desafio passa a ser selecionar o melhor material que será utilizado nas mais diversas produções, mesmo que cada documento tenha recebido um tratamento adequado. Essa etapa de pesquisa, seleção e entrega, de acordo com o que o usuário necessita, exige que a equipe seja composta por profissionais comprometidos, engajados com o assunto, multidisciplinares, e que consiga unir o conhecimento generalista ao conhecimento especialista da área de cada um, além de precisar saber basicamente qual é a intenção de uso do cliente.

7 Dado fornecido por GOMES, Renan Porto. *HDC Sessions: o acervo como protagonista da pandemia*. Rio de Janeiro: Academia Digital Globo, 5 ago. 2020.

Alguns conteúdos de acervo foram reprisados na íntegra, com pequenas adaptações, algo que ocorria apenas durante o *Vale a pena ver de novo* e que durante a pandemia se estendeu em quatro vezes mais em dias úteis da semana nos canais abertos e até seis vezes mais durante os finais de semana, um conteúdo que antes sequer era transmitido.

Para suprir a ausência da programação esportiva ao vivo, os canais do Grupo Globo reprisaram íntegras de jogos de futebol inesquecíveis para os brasileiros e a primeira vitória do piloto Ayrton Senna no Grande Prêmio de Portugal em 1985, com o desafio de exibir um esporte gravado em qualidade inferior ao que hoje é transmitido nas televisões em *full HD*.

Os três canais do SporTV, que antes eram quase totalmente ao vivo, criaram algumas programações baseadas robustamente em conteúdo de arquivo para esse período de pandemia, como o *Faixa especial*, programa que reprisava os jogos com narrações atuais e, muitas vezes, convidando um atleta que jogou na época ou um comentarista que viveu a experiência pessoalmente. O período em que o programa esteve no ar nesse formato fez com que os canais dialogassem diretamente com a memória afetiva do brasileiro ao fazerem enquetes na internet sobre quais jogos o público gostaria de rever.

Além de lembrarem os jogos esportivos e comemorarem novamente as vitórias simbólicas, durante a pandemia os brasileiros puderam celebrar, por meio dos arquivos, os setenta anos do Maracanã, os setenta anos de Galvão Bueno e os cinquenta anos do tricampeonato mundial de futebol de 1970.

As festas virtuais regadas de memórias do que todos passaram quando estavam juntos fisicamente também marcaram as comemorações dos sessenta anos da nova capital federal e os setenta anos da televisão brasileira. As comemorações para os sessenta anos de Brasília foram programadas pela sua regional da TV Globo para uma grande celebração, que, no entanto, foi substituída pelos arquivos com as lembranças de esperança com a construção da cidade.

O acervo de uma só Globo compõe um dos maiores conjuntos documentais da dramaturgia e da música brasileira. Ao longo da pandemia foram desenvolvidos produtos com base nesses arquivos, como a trajetória do cantor Caetano Veloso, os noventa anos do ator Tony Tornado e da cantora Elza Soares.

Mesmo com o alívio proporcionado pelas memórias do esporte e do entretenimento, a crise sanitária intensificou uma crise política e econômica no país. O acervo não só disponibilizou conteúdos de anos atrás, mas também aqueles recentes que já compõem os arquivos para informar sobre:

- as comunicações do presidente Jair Bolsonaro negando a existência da pandemia;
- ações do presidente Jair Bolsonaro ignorando barreiras sanitárias;
- entrevistas coletivas do Ministério da Saúde;
- perfil do então ministro da Justiça Sérgio Moro na ocasião da sua exoneração;



- histórico e posse do atual ministro da Justiça André Mendonça;
- perfil do então ministro da Saúde Henrique Mandetta na ocasião de sua exoneração;
- histórico e posse do ex-ministro da Saúde Nelson Teich e também sua exoneração do cargo;
- perfil do então ministro da Educação Abraham Weintraub na ocasião da sua exoneração;
- polêmica sobre a nomeação de Carlos Alberto Decotelli para o Ministério da Educação;
- histórico e posse do atual ministro da Educação Milton Ribeiro;
- ausência de um ministro da Saúde efetivo durante a pandemia e a presença de militares na alta cúpula do governo federal;
- operações do Ministério Público e das Polícias Cíveis sobre a corrupção em vários estados durante a pandemia, em especial a pesquisa histórica de várias fraudes antigas cometidas na Secretaria de Saúde do Distrito Federal, como a chamada Máfia das Próteses;
- retrospectiva dos cem dias de coronavírus no Brasil e também, especificamente, nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro e na cidade de Brasília;
- especial dos cem mil mortos pela Covid-19 no Brasil;
- especial sobre desenvolvimento de vacinas para a doença viral;
- além dos fatos emblemáticos, como as operações da Polícia Federal e as investigações do Ministério Público envolvendo o senador Flávio Bolsonaro e o assessor Fabrício Queiroz, o desmatamento na Amazônia e as queimadas no Pantanal.

Com a dura realidade da elevada quantidade de mortes diárias e da incerteza da situação sem previsão de término, também se tem mostrado um “novo normal”, de forma mais leve e positiva. Com as imagens de acervo foi possível criar as crônicas *Planeta Corona* em Minas Gerais. E em Recife, o jornalismo e o acervo, em parceria com professores, resgataram materiais produzidos nos últimos dez anos como se fossem aulas para os alunos do ensino médio e transmitiram na região.

O acervo da Globo também auxilia o país a ser representado no exterior, com a venda de seus conteúdos, como aconteceu com o Hospital de Manaus, quando recebeu contêiner frigorífico para armazenar corpos em decorrência do Sars-Cov-2; as praias cheias e BRTs lotados no Rio de Janeiro; as falas do presidente Jair Bolsonaro e a inauguração de ala hospitalar para tratamentos de índios com Covid-19 no Amazonas.

O nítido aumento das demandas para o setor parecia ir no caminho inverso ao da necessidade de diminuir suas equipes presenciais. Para que as entregas fossem feitas com o mesmo nível de excelência e mantido o rigor para a proteção dos colaboradores contra o novo coronavírus, o até então inimaginável trabalho remoto para o acervo foi implementado em duas semanas. Muitos processos tiveram de ser adaptados em razão da redução da presença física dos colaboradores na empresa e restritos aos desempenhos em *home office*, com o desenvolvimento de ferramentas e disponibilização de equipamentos e recursos tecnológicos para alguns funcionários.

Essa modalidade de trabalho tem sido cada vez mais aprimorada e considera-se sua manutenção, definitivamente, para algumas situações, porém a presença *in loco* de um colaborador na emissora nunca foi extinta, seja por causa do fluxo de traba-

ho com limitações tecnológicas, seja para estar mais próximo do cliente e também para monitoração das condições de armazenamento e guarda dos conteúdos.

As adaptações não ficaram restritas às questões físicas, mas envolveram também o próprio tratamento de conteúdo, que precisou se ajustar à nova realidade de identificar locais vazios, pessoas usando máscaras nas ruas, interações entre repórteres e entrevistados pela *web* e a necessidade de acompanhar o entendimento desse novo vírus e as mudanças da sociedade retratadas nos documentos audiovisuais.

A pandemia mostra ao acervo a capacidade que todos têm de estar preparados para as diferentes demandas diante de qualquer novo normal. Até o momento, o termo “coronavírus” já foi indexado mais de quinze mil vezes, cada vez mais representando parte da história.

Referências

BRASIL. Senado Federal. *Manual de comunicação da Secom*. Brasília, 2020. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/glossario/vt>. Acesso em: 22 set. 2020.

CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS. Câmara Técnica de Documentos Audiovisuais, Iconográficos e Sonoros e Musicais. *Glossário*. Versão 3, 2018. Disponível em: http://conarq.gov.br/images/ctdais/Glossario_ctdaism_v3_2018.pdf. Acesso em: 24 set. 2020.

GOMES, Renan Porto. *HDC Sessions: o acervo como protagonista da pandemia*. Rio de Janeiro: Academia Digital Globo, 2020.

ÍNTEGRA de telejornal. *Jornal Hoje*. São Paulo: Rede Globo. 18 de janeiro de 2020. Programa de TV. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8247473>. Acesso em: 22 set. 2020.

ÍNTEGRA de telejornal. *Jornal Hoje*. São Paulo: Rede Globo. 26 de fevereiro de 2020. Programa de TV. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8354238>. Acesso em: 22 set. 2020.

ÍNTEGRA de telejornal. *Jornal Nacional*. Rio de Janeiro: Rede Globo. 11 de março de 2020. Programa de TV. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8392308>. Acesso em: 22 set. 2020.

ROUSSEAU, J.; COUTURE, C. *Os fundamentos da disciplina arquivística*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1998.

